

ATÉ SEMPRE, MILTON...

Maria Adélia Aparecida de Souza
Professora Titular de Geografia Humana da USP e professora da Unicamp

Fotos: Daniel Garcia



Milton Santos e sua importante obra foram ignorados pela USP. Como ele mesmo dizia, era lembrado pela instituição apenas quando havia necessidade de “exibir um crioulo ilustre”. Desnecessário dizer que ele jamais se prestou a tais papéis

Foi difícil atender a esta solicitação da Revista Adusp para participar da homenagem ao Professor Milton Santos. E é sentidamente, como diria ele, que o faço.

Passei dias imaginando e realizei várias versões de um texto que pudesse ser fiel ao seu estilo, ao seu rigor e à nossa velha cumplicidade de tantas lidas acadêmicas e existenciais. Como poder praticar seus preciosos, permanentes, rigorosos, ternos, elegantes ensinamentos, sem poder mais ouvi-lo, consultá-lo?

Milton Santos foi para mim e muitos outros um mestre da Geografia e da vida. Um revolucionário autêntico, cujos argumentos são a sua própria vida e sua obra. Ambas, ainda por serem desvendadas e descobertas por muitos.

Sobre a vida, difícil poder considerá-la, embora não fosse mistério. A riqueza da sua existência, do seu percurso, convenhamos, não foi nada usual neste Brasil e no mundo.

Como um negro de Brotas de Macaúbas, no sertão baiano, chega a ser professor titular da USP (sem falar da Bahia, obviamente), professor emérito e doutor *honoris causa* de dezenas de universidades espalhadas pelo mundo?

Ao falar sobre sua vida, mesmo sendo rigorosamente crítico com relação aos graves problemas de sua raça e de seu povo, divertia-se a valer. Ah! Que saudades e que falta fazem a alegria e a ironia finíssima de Milton... Que delícia decifrar, em qualquer conversa, seu sub-texto profundo, irônico e repleto de ar-

madilhas...

Quanto à sua obra, ainda muito pouco lida e compreendida no Brasil, há muito que se dizer. Milton Santos e sua importante obra foram ignorados pela USP. Como ele mesmo dizia, era apenas lembrado pela instituição quando havia necessidade de exibir um crioulo ilustre. Desnecessário dizer que ele jamais se prestou a tais papéis.

Ao contrário, com seu refinado humor, nos divertíamos com os convites que chegavam das instâncias superiores da universidade. Seus

*A USP como
instituição não se
incomodou com sua
doença, não lhe deu
afeto, não velou seu
corpo*

inúmeros amigos, por vezes incomodados com suas rebeldias, haverão de concordar comigo. E todos sabemos o quão poderosa e prezada por ele era essa sua rebeldia!

Milton partiu e a USP não tomou conhecimento nem de sua obra, de sua liderança, de sua concepção de Universidade pública, livre e gratuita, nem de sua experiência. Eu mesma inúmeras vezes tentei alertá-la, quantas vezes... E como ele se zangava comigo quando eu incitava a Universidade a notá-lo...

A USP como instituição não se

incomodou com sua doença, não deu afeto a ele ou a sua família, não velou seu corpo. Como uspiana autêntica, com tantos serviços prestados a essa universidade, lamento profundamente essa conduta.

Agora entendo suas particulares e duras observações com relação à minha universidade: universal como acervo e nas pretensões, mas oligárquica e provinciana no modo de ser. Universidade que, como tantas hoje no Brasil, servem mais ao mercado do que à humanidade. Daí perder toda sua elegância, que permanece nas oligarquias que a fundaram, mas não na instituição.

Mas a maioria, tanto ontem quanto hoje, jamais deixou de homenageá-lo, de solicitá-lo: os alunos, os funcionários, os professores, os negros (poucos), os artistas, os jornalistas, as mulheres e tantas instituições democráticas. Todos, cada vez mais queriam discutir com ele, sobre o mundo, sobre o Brasil.

Milton possuía um rigor que os incautos confundem com tirania. Terei muito o que contar sobre centenas de conversas, debates que presenciei com Milton. Vejo-o, ainda colocando suas questões e observações até mesmo impertinentes, contendo o riso, com os dedos sobre os lábios, revelando uma aparente timidez em relação ao interlocutor, especialmente quando se sentia feliz. Imagem inesquecível de Milton.

Com sua morte, perdemos nosso filósofo. Sua obra deu à Geografia um estatuto teórico e científico ainda não alcançado por muitos, em especial por muitos geógrafos. Sua genialidade e inteligência colocam



Como decorrência do seu rigor acadêmico, Milton Santos era generosamente impiedoso, eterno professor

o espaço ou o território usado, também denominado por ele de espaço banal, como uma instância social, liquidando, creio eu, definitivamente com a possibilidade de a Geografia assumir o espaço na sua velha concepção como palco das ações humanas, dissociado delas.

E é este conceito renovado que nos permite lidar com a totalidade *mundo*, ou com a totalidade empírica, característica do tempo presente deste período histórico recentemente denominado por ele de período popular da história, sucedendo ao período técnico, científico e informacional. É a partir daí que sua obra revisita o método geográfico e seus fundamentos, atualizando seus conceitos.

Milton, com sua proposta epistemológica e metodológica, procura retirar dos conceitos geográficos todos os ruídos, produto dos travesti-

mentos da Geografia do século XX. Assim, ele não admite confusões epistemológicas entre espaço geográfico e seus fundamentos conceituais: território, lugar, região, paisagem. Isto tudo fica muito claro em sua proposta.

Era duro quando o texto misturava a cidade com o urbano, o solo com o espaço, o espaço geográfico com a questão ambiental que julgava mais do domínio da ciência política do que geográfica, o solo com o espaço, o discurso militante substituindo o texto científico rigoroso.

Como decorrência do seu rigor acadêmico, o professor Milton Santos era generosamente impiedoso, pois um eterno professor. Mas foi assim sendo que ele, com sua contribuição, constrói sua Geografia nova, crítica, contemporânea. E a torna indispensável na roda do diá-

logo acadêmico e científico atual.

O espaço geográfico, o território usado, aproxima a geografia da política. Daí sua obra ter um teor essencialmente humanista e revolucionário. O território usado é o conceito fundador dessa Geografia que precisa entender o espaço do homem.

O imenso projeto acadêmico e intelectual que delineou no exílio continha, penso eu, três grandes ambições, colocadas a serviço de uma sociedade livre e justa. Para construir isto submeteu seu pensamento, sempre, às discussões com seus pares da academia. Foi assim que realizamos juntos, na USP, inúmeros encontros internacionais de imenso valor científico. Eles eram freqüentados por geógrafos vindos de todo canto do Brasil e do mundo e passaram a ser uma referência como espaço de debate democráti-



co e de qualidade, sobre a produção geográfica brasileira, fato que projeta os geógrafos brasileiros no mundo todo.

As três ambições do projeto acadêmico produzido por Milton há cerca de quarenta anos, portanto, eram:

1. elaborar sobre a epistemologia da Geografia de modo a contribuir com o aprofundamento do conhecimento geográfico do mundo. Esta fase será concluída com a publicação do livro *A Natureza do Espaço*, uma obra prima que fez em homenagem à juventude e maturidade dos seus setenta anos, comemorada com festividade acadêmica em 1996. Esta fase é acompanhada de uma profunda observação do funcionamento do mundo do presente e da crítica à globalização. É neste sentido que organizamos juntos, convidando também alguns colegas, a série O Novo Ma-

pa do Mundo, Território – Globalização e Fragmentação. Uma síntese de todo este nosso esforço está em seu magnífico e oportuno *Por uma Outra Globalização*.

2. Com esta Geografia Nova busca contribuir para a elaboração crítica de um projeto nacional para o Brasil. Seu último livro, organizado com Maria Laura Silveira com textos de seus orientandos (*O Brasil – Território e Sociedade no início do século XXI*), tem essa finalidade, além de outros excelentes livros como *A Urbanização Brasileira*, *A Economia Política da Cidade*, *A Metrópole Corporativa e Fragmentada*, em homenagem às grandes metrópoles brasileiras, e em especial a São Paulo.

3. Sua terceira aspiração era a criação de uma rede de geógrafos latinoamericanos, capaz de produzir e aprofundar o conhecimento sobre

a América Latina. Suas peregrinações, em todo canto deste continente, aspiravam a esta construção. E esta tarefa agora é de todos nós, seus discípulos.

Assim, Milton Santos nos legou uma importante, vasta e profunda obra. Em vida visitou e estudou com coragem muitas disciplinas, de modo a aprofundar sua própria disciplinaridade. Com isto convidou a todos para o debate. Mas foram poucos aqueles que entenderam o seu apelo para um diálogo crítico, profundo e inovador.

Eu tive o privilégio de cotidianamente, durante décadas, privar desse diálogo. Por isso mesmo, até sempre, meu amigo e meu mestre. Obrigada pelo seu rigor, sua ternura e sua elegância.

É preciso continuar, pediu-me ele em nosso derradeiro encontro.

E assim será. RA